

CHINA — POVO ESCRAVIZADO

Tradução de artigo publicado no "Manual de Informaciones", n. 6, vol III de 1961 da República Argentina.

Maj ALUIZIO DE UZEDA,
Oficial de EM

O que mais impressiona a qualquer pessoa que visita a China Comunista é a gigantesca transformação que está sofrendo o país inteiro.

Ninguém tem a oportunidade de estar só ou pensar independentemente na China Continental. O povo chinês está constantemente se organizando em grupos, dirigidos em determinada direção e sujeitos a constante fiscalização das hierarquias paralelas do Partido Comunista. Desta maneira os operários, os camponeses e empregados passam uma hora por dia recebendo doutrinação político, geralmente das seis às sete da manhã. Das sete às oito, milhões de chineses fazem exercícios físicos no meio das ruas, de acôrdo com instruções ouvidas de alto-falantes. Os operários marcham com cadência marcial para suas fábricas e as crianças da mesma forma, para as escolas. O rádio, os jornais, os alto-falantes em tôdas as esquinas, nos jardins públicos, nos hotéis, inscrições em todo espaço livre dos muros; tudo faz recordar as massas de chineses que estão em "estado de guerra".

A tôda classe de atividade se faz chamar de "guerra". Todo indivíduo ou tôda mulher chinesa são considerados como "soldados". Ouve-se falar em "guerra industrial" e "guerra agrícola". Os camponeses se organizam em milícias. Os meninos estão organizados em "brigadas". Os operários são "soldados industriais". Há um "exército para cuidar da água", um "exército das ferrovias" e assim por diante.

Em tôdas as partes vemos cartazes com letreiros que classificam rigorosamente os operários em categorias, de acôrdo com o rendimento de suas produções. Há operários equiparados a "sputniks", a "avião a jato", a um boi, ou a um caracol.

Pelo rádio e pela imprensa se faz ressaltar com ênfase estas distinções. As categorias inferiores são objeto de vergonha e motivo de escárnio. A propaganda comunista chinesa insiste enfaticamente em mostrar ou fazer crer na "satisfação em trabalhar" nas granjas coletivas e comunas populares, onde à falta de meios adequados, obriga-se o povo a realizar tarefas que comumente seriam entregues a muares ou tratores agrícolas.

Durante as horas de trabalho, os operários chineses são instruídos militarmente. O armamento e a maneira de portar o fuzil, evidenciam a presença de instrutores militares tcheco-eslovacos.

Extensos sarilhos d'armas montados ao lado do local de trabalho de camponeses chineses, testemunham a tragédia da militarização a que os submeteu o regime comunista.

Tôda esta transformação tem criado um novo ambiente na China. O clima de febre, agitação e tensão social tem produzido um ambiente sombrio, carente em absoluto do sentido de humor.

Depois da campanha "para erradicação dos pardais" feita em Pequim, por exemplo, surgiu na primeira página do "Diário do Povo" a seguinte história macabra:

"Por tôda a cidade os espantalhos e bandeiras guarneciam os telhados e as árvores.

Um grande número de pardais, atemorizados, fugiram de seus refúgios, aturdidos e sem saber para onde ir, pereceram todos. Alguns voaram para recantos que lhes pareceram tranquilos para cair em armadilhas e serem mortos pelo fôgo. As operações continuaram até o cair da noite, para matar e caçar aos que haviam escapado de qualquer forma e, conseguido esconder-se. Foram mortos 400.000 exemplares".

Quando um turista procura dizer uma frase amável ou uma galanteria, tais como: "As mulheres são mais lindas em Shangai do que em Pequim" ou "os operários parecem estar muito satisfeitos nesta fábrica", o contestarão acicamente dizendo: "As mulheres são iguais em tôda a China" e "o prospecto que você tem em mãos indica claramente que os operários estão satisfeitos em todos os lugares da China".

Quando um jornalista ocidental procurou tirar a fotografia de uma menina na rua, o guia oficial que sempre o acompanhava, não permitiu-lhe e acusou-o de estar quereendo divulgar a pobreza das crianças chinesas. O jornalista simplesmente retrucou, dizendo que o que queria era somente tirar uma fotografia de uma criança e que isto nada tinha que ver com política. Ao mesmo respondeu o guia enfaticamente: "Tudo é política".

Não há dúvida de que na China tudo está organizado com objetivos políticos.

A cultura, o divertimento, a educação, tudo se pôs em pé de guerra para servir como instrumento de propaganda do govêrno.

Por exemplo, quem resolve a assistir a um espetáculo na Ópera de Pequim, poderá verificar que tôdas as obras clássicas foram reformadas

ou retocadas para por êste meio transformarem-se em veículo de difusão de temas da propaganda comunista.

Também a produção cinematográfica foi transformada e planejada para satisfazer as "exigências educativas" do povo. Os jornais publicam historietas em quadrinhos nas quais o "mocinho é bom varredor de ruas, denuncia o seu próprio pai por ser "reacionário", ou dirige os debates de um grupo de comunistas.

Mas o que mais nos horroriza é o ponto, a que chegaram as escolas para servir à causa da política do Estado. O mais elementar texto de gramática converteu-se em fonte de propaganda comunista.

Quando o jornalista ocidental, já citado, visitou a Universidade de Pequim, encontrou em uma pequena sala, cinco estudantes chineses que aprendiam francês. Ao olhar para o título do livro que usavam verificou tratar-se de: "Interpretação Marxista da 1ª Guerra das Filipinas".

Solicitou uma oportunidade para entrevistar alguns alunos de Direito ao que informaram-lhe estavam todos ausentes, com seus mestres, ocupados em tarefas agrárias. O mesmo ocorreu nas Universidades de Wuhan, Shangai e Cantão. Kuo-Mo-Jo, presidente da Academia Chinesa de Ciências, confirmou-lhe êste fato, durante uma entrevista que teve lugar em sua luxuosa residência em Pequim. Kuo, disse-lhe que em 1958 cêrca de 3 milhões de estudantes, dos quais 15.000 pertencentes à Universidade de Wuhan, foram obrigados a ir trabalhar no campo "para sempre".

Disse-lhe ainda em resumo, de seus pontos de vista: "A China deve esquecer-se de suas tradições. A arquitetura chinesa já foi abandonada totalmente. O alfabeto chinês será substituído com o tempo pelo alfabeto romano. A pintura e a música devem servir à causa do Estado para construir uma sociedade comunista. Os poetas clássicos como Li Po e Tu Fu são demasiado decadentes para serem estudados nas escolas modernas".

A guerra do governo comunista contra a tradição chinesa é também uma guerra contra a religião. Em tôdas as partes, os comunistas estão fechando ou demolindo templos ou lugares de culto taoísta, protestante, budista ou católico. Não se permite a existência de seminários onde poder-se-ia educar uma nova geração de sacerdotes.

Em tôda China foram exumados os cadáveres de milhares de cemitérios para dedicar os respectivos terrenos à agricultura.

Em cada cidade principal existem uma ou duas igrejas para que os visitantes constatem "a liberdade de culto" na China. As vêzes se vê uma igreja católica repleta de gente em manhã de domingo em Pequim. Entretanto só restam duas das 20 igrejas que lá haviam antes.

Outra pessoa que também visitou a China, encontrou na localidade de Sião, onde há apenas dez anos havia 20.000 protestantes, somente 14 criaturas presentes a um serviço religioso domicial. Em Shangai viu o que restava de uma comunidade judaica antigamente próspera contando com 30.000 pessoas e 3 sinagogas; um bairro pequeno em um subúrbio onde 80 anciões atemorizados, vivem completamente isolados.

O templo budista mais antigo da China e que é conhecido como Templo do Cavalo Branco, perto de Loryang, foi transformado em comuna. O reitor do templo declarou ao visitante que os monjes são obrigados a dedicar pelo menos 8 horas diárias a fainas campesinas e que se lhes permite cuidar do templo somente como um passatempo.

Quarenta e sete lamas (sacerdote budista) do templo Yungokung de Pequim, foram mandados a trabalhar nas "granjas". Dos três que restaram, dois são velhos e enfermos e o terceiro é um sacerdote jovem, de nome Kao, encarregado de guiar os visitantes através do templo, muito pouco conhecendo do budismo, sua religião.

Mais que tudo aflige-nos ver a arrogância e desprezo dos jovens do Partido Comunista pelos locais de culto e pelos velhos sacerdotes.

Esta arrogância e falta de respeito para com a venerável tradição chinesa é parte integrante dos preceitos comunistas. Sob esse impulso, a transformação em massa está substituindo rapidamente os tradicionais valores do povo chinês.

O lazer e a arte, o trabalho e o estudo, o tempo e o espaço, tudo está regulado e mobilizado com o único propósito de construir um Estado Totalitário Comunista na China.

AOS ASSINANTES

Em caso de transferência não deixe de providenciar para que disso tenha a Revista conhecimento.

Se optou pelo pagamento mensal, certifique-se de que o desconto está sendo feito.